

3. A TRADUÇÃO DO DISCURSO ENCICLOPÉDICO PARA A LÍNGUA PORTUGUESA

João Paulo Silvestre

O início do século XVIII corresponde a um período em que a renovação do léxico dicionarizado procura acompanhar o desenvolvimento das linguagens de especialidade. A tradução dos tecnolectos torna-se uma área essencial nas preocupações da reflexão metalinguística, não só porque a descodificação das terminologias é o ponto de partida para a descrição enciclopédica do mundo, mas também porque este léxico se torna progressivamente indispensável para essa mesma descrição.

O mercado editorial português, nos séculos XVI e XVII, não privilegiou a tradução para vernáculo de textos científicos, literários e religiosos. A consulta dos catálogos das bibliotecas ou dos títulos publicados por impressores portugueses demonstra o elevado número dos livros editados em latim e castelhano, mantendo portanto as línguas da edição original. Não se colocava o problema da recepção, já que o público (nobres ou clérigos) havia recebido formação linguística e literária nessas línguas. A lista de traduções impressas na língua portuguesa revela que é só a partir do século XVIII que as versões do latim, castelhano e italiano substituem as edições originais. Assim, para o século XVI, Gonçalves Rodrigues (1992) aponta cerca de 140 títulos, para o século XVII 266, e 442 apenas para a primeira metade do século XVIII. O espaço das traduções do francês é lentamente conquistado à medida que o século XVIII avança, mantendo-se o predomínio das versões de autores latinos e castelhanos.

Simultaneamente, o fim do século XVII é um momento importante na configuração do próprio discurso enciclopédico enquanto tipologia textual e enquanto texto com uma função social específica, com um alargamento do horizonte de recepção. Embora se apresente a *Enciclopédia* de Diderot e D'Alembert (1751-1772) como um texto instituidor, é sabido que a tradição é muito anterior, se considerarmos que, desde o século XVI, era possível distinguir nos grandes dicionários latinos o espaço da informação linguística e o espaço da informação enciclopédica, caracterizando-se esta pelo facto de descrever realidades objectivas, e não apenas as palavras e expressões que referiam essas realidades. O aumento progressivo da informação de tipo enciclopédico — orientada mais para a descrição do mundo referencial, do que para as palavras que significam essa realidade — verificava-se na lexicografia latina desde o século XVI e acentua-se nos dicionários bilingues do século seguinte. Com a transição para obras monolingues, a prática está de tal modo enraizada que os dados extralinguísticos permanecem como um complemento valorizado e apreciado, ampliando a glosa e integrando a própria definição.

Muito antes da *Enciclopédia* encontram-se tentativas de síntese do conhecimento, sob a forma de dicionários de língua com descrições alargadas dos referentes, dicionários das artes e das ciências (dicionários terminológicos) e dicionários históricos. O discurso enciclopédico moderno foi decisivamente moldado a partir de finais do século XVII, sobretudo pela publicação de um conjunto de dicionários franceses, que influenciaram a produção de obras similares nas principais línguas europeias.

Na década de 90 editam-se duas obras que se tornam referências em toda a Europa: o *Dictionnaire historique* de Louis Moreri e o *Dictionnaire universel* de Antoine Furetière. O primeiro é um dicionário de informação histórica e biográfica, da antiguidade e do mundo contemporâneo; o segundo é um dicionário de língua, com informação de tipo enciclopédico a propósito dos termos das artes e das ciências. A partir do dicionário universal de Furetière, a vida quotidiana e a diversidade de artes e ciências são centros de interesse nos novos léxicos monolíngues. A preocupação é registar, numa única obra, o maior número possível de palavras que, no seu conjunto, permitam aceder a informações acerca de uma realidade em mudança. Este é um período de experimentação, que antecede o esforço de avaliação global e crítica da informação, que caracterizará a prática dos enciclopedistas franceses da segunda metade do século XVIII. Mas antes dessa reavaliação crítica, em meados da década de 90, o modelo definido por Furetière recolhe grande aceitação e é largamente aceite, traduzido e adaptado por vários lexicógrafos europeus.

O primeiro exercício consistente de transposição para a língua portuguesa desse fundo textual é o *Vocabulario Portuguez, e Latino* (1712-1728). Rafael Bluteau pretende dar à língua portuguesa um dicionário monumental, semelhante aos que existiam para o francês. Com a consciência de que não é possível alcançar a exaustividade absoluta, a prioridade é uma representação satisfatória dos diversos domínios do léxico. Para isso, traduz para português, através de decalque, um conjunto de palavras que tornem viável a transmissão, em vernáculo, de determinados domínios do saber. Não pretendia ser um dicionário de informação linguística, pois no seu entender a perfeita compreensão do significado já não dispensava as informações adicionais, que faziam do dicionário uma obra tão útil e instrutiva quanto os livros de onde as notícias haviam sido retiradas. O dicionário deve ser como o índice de uma biblioteca, não apenas porque serve para descodificar a língua escrita, mas porque é uma súpula autorizada do conhecimento.

A prova da erudição e competência do lexicógrafo reside na qualidade da compilação, seleccionando e transcrevendo com fidelidade as notícias mais relevantes. Assim, porque confia na autoridade da tradição invocada, o leitor do dicionário aprenderá com mais facilidade do que se recorresse aos textos originais. A configuração tipológica do *Vocabulario* admite, para além da informação linguística, um desejável alargamento a dados de tipo enciclopédico que reflectem conhecimentos sobre factos e coisas, e não apenas sobre as palavras que os designam. A definição pode assentar em descrições pormenorizadas das características e funcionalidades dos referentes extralinguísticos, o que é já revelador de

uma orientação enciclopedista, na medida em que o lexicógrafo omite as informações respeitantes ao uso do signo linguístico e a palavra-lemma é entendida como um pretexto para a evocação de realidades e factos, por vezes com relações remotas ou circunstanciais.

A relação de intertextualidade entre o *Vocabulario* e alguns dicionários franceses não será muito diferente daquela que existiu entre Moreri e Furetière e as respectivas fontes: trata-se de uma complexa técnica de compilação de fontes autorizadas e dispersas, mas que simultaneamente garantiu ao lexicógrafo a possibilidade de um trabalho expedito. Bluteau raramente podia fazer uma tradução integral dos artigos, pois corresponderia a informação em excesso para o âmbito do seu dicionário. Assim, de modo a reservar espaço para a informação linguística, optou pela síntese ou por um aproveitamento muito parcial dos dados, sem que, todavia, se perdesse a matriz dos dicionários históricos e universais. Não obstante a proximidade com as obras francesas — que seria evidente para a generalidade dos leitores eruditos — Bluteau não declara que transcreve Furetière e Moreri, o que é compreensível à luz das noções coevas de autor e autoridade. A compilação de Bluteau não seria interpretada como uma apropriação abusiva de dicionários pré-existentes, tanto mais que actualizava um património inédito em português. Um lexicógrafo é visto como um compilador de “notícias” e não como um criador, pelo que uma constante reverência ao *Dictionnaire universel* e ao *Dictionnaire historique* seria desnecessária. Numa cadeia de apropriação contínua dos discursos, de que Bluteau passa a fazer parte, importa preservar a memória das autoridades que escreveram com propriedade de conhecimento sobre uma matéria, e não a dos que se limitam a reproduzir em segunda mão.

O *Dictionnaire Universel* foi certamente a fonte que foi explorada de um modo mais sistemático, na medida em que o *Vocabulario* poderia acolher qualquer uma das entradas de Furetière e os seus conteúdos de tipo enciclopédico eram valorizados por Bluteau. A influência modeladora é perceptível no estilo das narrações descritivas e na técnica de concatenação dos conteúdos. O confronto com a fonte revela que Bluteau compunha os seus artigos a partir de fragmentos do texto de Furetière, podendo supor-se uma redacção quase ao decorrer da leitura, em que da tradução se eliminam as informações redundantes ou os dados considerados como de interesse muito restrito. O artigo DIAFRAGMA exemplifica o modo como recupera e reescreve os artigos de Furetière, que geralmente são mais extensos. No texto francês, assinalaram-se a negrito os segmentos que Bluteau traduziu:

DIAPHRAGME. s. m. Terme de Medicine. **Membrane ou muscle nerveux qui separe la poitrine d'avec le bas ventre, & qui est comme une espece de plancher qui est entre les parties vitales & les naturelle,** & entre les deux estages du tronc du corps. **La figure de ce muscle est ronde, representant parfaitement la figure d'un poisson qu'on appelle une raye. Tout son corps est composé de deux cercles, dont l'un est membraneux, & l'autre charneux, de deux veines, de deux arteres** qui s'appellent *phreniques*, & de deux nerfs. La membrane qui le couvre par

dessus s'appelle la *pleure*, & celle qui est par dessous le *peritoine*. **Sa situation est oblique**, parce qu'il va de l'os de la poitrine par ses extremités des costes à la region des lombes. **Il est percé en deux endroits pour faire passage à l'estomac & à la veine cave montante**. Ce muscle est mi-parti & fait deux actions, l'une pour l'aspiration, & l'autre pour l'expiration. **Il se lasche dans l'aspiration, & se bande dans l'expiration**. On le trouve toujours bandé dans un animal mort. **Ceux à qui on traverse le diaphragme d'un coup d'espée, meurent en riant**. C'est Platon, au rapport de Galien, qui le premier l'a nommé *diaphragme*, du verbe *diaphrattein*, qui signifie *separer* ou *estre entredeux*. [...] (Furetière, 1690: s. u.)

DIAFRAGMA. (Termo Anatomico.) Derivase do Grego *Diaphratein*, que val o mesmo, que dividir huma cousa da outra, como frontal, ou muro divisorio. O diafragma, he hum paniculo, ou membrana musciosa, que atravessando o peito, divide, & separa os membros vitaes, a saber, o coração, & os bofes, dos membros naturaes, a saber, o baço, & intestinos. He largo, & redondo a modo de Raya, & se estende de hua a outra ilharga, com situação obliqua, & como principal instrumento da respiração, se afroxa, quando se toma o ar, & quando se lança, se entesa. He composto de dous circulos hum membranoso, & outro carnosos; tem duas veas, duas arterias, & dous nervos, & dous buracos na parte inferior, hum, por onde passa a vea cava montante na parte direita, & outro na parte esquerda, por onde passa o Izofago ao estomago. Dizem que se vê morrer com o riso na boca, os a que se atravessou com espada o diafragma [...] (Bluteau, 1712-1728: s. u.)

Bluteau mantém as comparações explicativas que são um traço característico de Furetière («frontal, ou muro divisorio»/«espece de plancher»; «a modo de raya»/«la figure d'un poison qu'on appelle une raye»), mas esforça-se por encurtar os artigos, condensando vários períodos num só, pela colagem de segmentos do texto. Veja-se por exemplo o período compreendido entre «He largo» e «se entesa», que parece resultar dos três períodos marcados a cinzento na coluna da esquerda. A tradução é norteada por um espírito de síntese, uma vez que selecciona os tópicos essenciais da estrutura lógica do artigo, não se limitando a copiar mecanicamente os parágrafos iniciais. Interessa-lhe sobretudo recolher uma descrição geral, uma enumeração das partes componentes, a descrição dessas partes, a função e o funcionamento, ainda que de forma abreviada. Numa avaliação global, o *Vocabulario* perde quase sempre em abundância de informação enciclopédica, mas mantém intacta uma matriz que confere coerência estrutural e tipológica ao discurso. A principal distinção é o destaque concedido à informação linguística, neste caso a etimologia, que Bluteau coloca à cabeça do artigo como tópico essencial para acesso a um significado, e que em Furetière é equiparada a uma nota entre episódios históricos e factos curiosos. Na sua tradução, resume os artigos do *Dictionnaire Universel* por limitações de espaço e não devido a insuficiência do léxico da língua portuguesa, em comparação com o francês. A análise mais aprofundada do *corpus* dicionarístico demonstra que o português tinha a capacidade de decalcar a generalidade dos termos de base greco-latina. Veja-se o exemplo do artigo FLEIMAM, em que os termos do segmento omitido (*bubaõ, tuberculo, ophtalmia, carbunculo, pleuresia, parotida, esquinancia,*

parulida) ocorrem em entrada própria do *Vocabulário*, ou no interior de outras glosas:

PHLEGMON. [...] & lors qu'il est bon & loüable, ne pechant que par la seule quantité, on l'appelle alors le *vray phlegmon*; mais le *bastard*, quand il est corrompu, & meslé de bile, pituite ou melancolie; alors il participe de l'eresipele, de l'oedeme ou su scirrhe. Ce sang sorti des veines y produit de la chaleur, de la rougeur, de la tension, de la renitence, de la pulsation, & cause une grande douleur. Le bubon, carboncle, furoncle, les pustules, & autres tubercules, & tumeurs causées par le sang se reduisent au *phlegmon*. L'ophthalmie, la parotide, la squinancie, & même la pleuresie, la peripneumonie, & le parulis, sont des especes de *phlegmon*. ce mot vient du verbe Grec *phlegein*, qui signifie *causer de l'inflammation*. (Furetière, 1690: s. u.)

FLEIMAM. [...] O verdadeiro, & legitimo fleimaõ he quando o sangue não pecca na qualidade, mas na quantidade. Do sangue, misturado com humores peccantes, sahe o fleimaõ bastardo, ou falso; & há tres especies delle, a saber, Fleimaõ Erisipelatoso, ajuntandose colera; fleimaõ edematoso, ajuntandose fleima; & fleimaõ scirroso, ajuntandose melancolia. De sangue não natural por adustaõ se fazem todas as pustulas, as quaes com nome geral se chamaõ fleimaõ não verdadeiro. (Bluteau, 1712-1728: s. u.)

Nas décadas anteriores a língua escrita e impressa já vinha conhecendo uma série de exercícios em que o português fora obrigado a constituir um *corpus* funcional em diversos tecnolectos. Para a medicina, por exemplo, *Desenganos para a Medicina* (1656) de Gabriel Grisley, *Polyanthea medicinal* (1697) de António Curvo Semedo, ou a *Recopilaçam de Cirurgia* (1661) de António da Cruz. A escrita do *Vocabulario* obrigou a uma recolha mais meticulosa desse fundo lexical, que ou se encontrava em uso pelos profissionais das artes e ofícios, ou já havia sido registado recentemente em textos essenciais, que autorizavam não só o seu emprego com propriedade de sentido, mas também o decalque a partir de uma língua estrangeira. Bluteau, além do esforço de uma pesquisa lexical sistemática, acrescenta aos termos tecnolectais a autoridade da língua dicionarizada, confirmando aquilo que os contemporâneos podiam considerar como uso impróprio por autores não eruditos.

Em geral, as citações de autoridades são reproduzidas de uma forma meticulosa, aproveitando todas as informações bibliográficas que Furetière transcreve. Para além de conferir ao texto dicionarístico marcas de rigor e credibilidade, o lexicógrafo dá a entender que ele próprio consultou diligentemente as fontes, reclamando para si um lastro de conhecimentos ainda mais amplo do que transparece na brevidade de um artigo de dicionário. A maioria das notas de erudição autorizadas são recolhidas de fontes em segunda mão e a tarefa de síntese bibliográfica não seria tão imensa quanto a leitura do *Vocabulario* faz supor. Veja-se a referência à obra de João Baptista Porta, nos artigos TELESCOPE e OCULO:

TELESCOPE [...] **Il est vray que Jean Baptiste Porta a fait mention du secret des lunettes long-temps auparavant, quant à la speculation; mais il ne les a point reduites en pratique, car il en parle dans sa Magie naturelle imprimée en 1549. au Chap. 10. du 17. Liv.** Quelques uns croyent que Bacon en a aussi eu quelque connoissance; & Fra Paolo en fait aussi quelque mention. D'autres croyent que Democrite en avoit quelque usage, parce qu'il a dit le premier, que la Voye Lactée étoit un assemblage de plusieurs étoiles. **On dit que Ptolomée Evergetes avoit dans le Phare d'Alexandrie un *telescope*, d'où il descouvroit les navires de 60. milles en mer: mais il n'y a pas d'apparence que ce fust le même que le moderne.** On a mis les noms des Auteurs qui en ont escrit au mot de LUNETTE. [...] (Furetière, 1690: s. u.)

OCULO [...] **João Bautista Porta, no capítulo. 10 do liv. 17. da sua Magia Natural, impressa no anno de 1549. falla em oculos de longa mira, mas theorica, & não praticamente.** Tem para si alguns, que Democrito usára de oculo de longa mira, porque foy o primeyro que disse, que a via Lactea he hua uniaõ de muitas estrelas pequenas. **Nem falta quem diga, que Ptolomeo, terceyro do nome, Rey do Egypto, cognominado Evergetes, (que quer dizer Bemfeytor) tinha hum oculo de longa mira, com o qual descobria do Pahro de Alexandria os navios sessenta milhas ao mar; mas não he provavel que este oculo fosse como os que hoje se usaõ.** [...] (Bluteau, 1712-1728: s. u.)

Também não saberemos se Furetière consultou o texto de Porta, porque é precisamente a técnica de redacção das citações que insinua um conhecimento com propriedade, ao transformar numa espécie de nota de leitura aquilo que anteriormente era uma informação formularizada, breve e quase marginal. O artigo OCULO permite ainda ilustrar o interesse que mereciam as curiosidades da história antiga, envolvendo personagens comumente reconhecidas pela tradição literária e tratadística latinas, enquadrando-se no conceito lato de “notícias eruditas”. Estes tópicos, que no *Vocabulario* mantêm a localização no fim do artigo, acrescentam pormenores que em nada contribuem para a descrição ou para o efectivo conhecimento das “coisas”. Estas selecções assemelham-se remotamente a uma tentativa de reconstrução de uma envolvência histórica, ou de um discurso *de origine*, apesar de, por norma, os episódios serem dispersos e carecerem de uma ordenação cronológica. Nestes relatos concisos sobressaem quase sempre as marcas do pitoresco, sob a forma de factos extraordinários relacionados com o mundo natural ou com a técnica.

A transposição dos artigos de Furetière somente foi possível porque Bluteau era qualificador do Santo Ofício. O *Dictionnaire universel* não era de modo algum uma obra subversiva, mas, à luz do contexto cultural português, exigia uma leitura criteriosa que filtrasse os conteúdos e as referências a autores considerados inadequados pela Inquisição. Em geral, bastam reformulações subtis e precisas, como se observa no artigo CIRCULAÇAM, em que relata a descoberta da circulação sanguínea, mantendo as personagens e as datas inscritas no texto original, mas sem explicitar as referências de Furetière às perseguições e práticas censórias da Inquisição italiana. Procura oferecer aos leitores um texto informativo e

coerente, ainda que mutilado, em que o espaço das teorias censuradas é ocupado pela amplificação das que são consentâneas com os cânones dos inquisidores.

CIRCULATION, se dit aussi en Medecine du mouvement qui fait le sang [...] Harvée est un Docteur moderne d'Angleterre qui a le premier decouvert la *circulation* du sang en l'année 1628. qui est maintenant reconnuë par tous les Medecins. [...] Jean Leonicensus adjoûte que le Pere Fra Paolo avoit decouvert la *circulation* du sang, & les valvules des veines; **mais qu'il n'osa pas en parler, de peur de l'Inquisition**, & qu'il communiqua seulement son secret à Aquapendente, qui après sa mort mit le livre qu'il en avoit composé [...]; mais que Aquapendente decouvrit ce secret à Harvée qui étudioit sous luy à Padouë, **lequel le publia étant de retour en Angleterre pays de liberté, & s'en attribua la gloire.** [...] (Furetière, 1690: s. u.)

CIRCULAÇAM [...] mas consta, que só no anno de 1628. se começou a fallar claramente na *Circulação* do sangue, quando a divulgou Harveo medico Inglez, como doutrina, que lhe revelara seu Mestre na Universidade de Padua, o famoso Anatomista, Aquapendente; ao qual o P. Fr. Paulo, antes de morrer, a havia comunicado, mostrandolhe juntamente o livro, que compuzera sobre esta materia, **& por certas razoens não quizera dar à estampa.** [...] (Bluteau, 1712-1728: s. u.)

Na sua tradução do francês, além de suprimir segmentos do texto, o lexicógrafo acrescenta comentários que estabelecem a diferenciação entre a sua opinião e a dos autores citados, quando suspeitos de heresia. Observe-se as notas que adiciona à exposição da teoria de Descartes sobre a formação dos cometas:

COMETE [...] Descartes dans son Systeme est le premier qui a bien expliqué la nature des *Cometes*, en disant que c'étoient des astres qui rouloient autour d'un autre Soleil dans un autre tourbillon du monde, lesquels s'approchoient quelquesfois de celuy-cy, & alors ils paroissent; & qui s'en éloignoient ensuite, & alors disparoissent. [...] (Furetière, 1690: s. u.)

COMETA. [...] Descartes **considerando**, que há muytas Estrellas, que a vista não póde alcançar, & que muytas dellas pódem largar o seu lugar, como mostra a experiencia nas estrelas novas, que tem apparecido, & na auzencia de outras, que não se vem mais na sua antiga situação, **tem para si**, que o cometa, não he outra cousa, que huma destas estrelas movediças, & fugitivas, que perdendo a sua claridade, & assento natural, & arrebatada de algum dos Turbilhoens, **que o dito Author imaginou**, se avezinha ao Céu de Saturno, aonde recebendo as luzes do Sol, se faz vizivel aos nossos olhos. [...] (Bluteau, 1712-1728: s. u.)

Não temos indicações acerca da recepção do dicionário de Furetière em Portugal, ou mesmo se os conflitos com a Académie, o desafio às proibições régias e alguns laivos de heterodoxia ao longo da obra seriam suficientes para motivar a desconfiança da Inquisição, o que explicaria o

silêncio de Bluteau. Em todo o caso, quando o *Vocabulario* foi finalmente publicado, a Europa culta já quase tinha votado o *Dictionnaire universel* ao esquecimento com a edição do dicionário de *Trévoux* (1704), que na prática o substituíra.

Bluteau não desconhecia os progressos científicos, mas ao seleccionar a informação relativa a factos que contrariassem as doutrinas religiosas, procurou adequá-la ao quadro cultural dos receptores, pois o enciclopedismo do *Vocabulario* tenta corresponder a um conjunto de saberes tradicional e localmente valorizados. A leitura que Bluteau faz das fontes enciclopédicas não é servil, omitindo ou acrescentando dados e subcategorias informativas, de modo a que o leitor erudito português encontre os seus interesses espelhados nas páginas do *Vocabulario*. Bluteau não pretende negar a existência de novas teorias para explicar o real, nem oculta o nome dos proponentes; todavia, cita-as de forma abreviada e com comentários que sublinham a sua reprovação. O *Vocabulario*, que se assume como uma obra institucional favorecida pelo poder político e religioso, não poderia transigir na defesa de princípios basilares da ordem estabelecida.

Ainda que construídas a partir de excertos dispersos, por vezes separados por várias páginas, as sínteses de Bluteau são muito eficazes, na medida em que proporcionam uma informação coerente e representativa do sentido do texto original. Foi esta técnica, sistematicamente aplicada a dicionários, textos franceses e portugueses, que permitiu a elaboração de um texto tão amplo, inscrevendo Bluteau numa tradição de lexicógrafos que, num labor essencialmente individual, produziram obras imensas, à base de processos de compilação.

O confronto entre o *Vocabulario* e o *Dictionnaire Universel* revela uma transposição dos artigos que por vezes é quase literal, reproduzindo o tipo de informação e a sua concatenação, mas também é notório que Bluteau facilmente intuiu as regras do modelo subjacente, o que lhe permitiu abreviar a generalidade dos artigos de Furetière, eliminando as informações que considerava demasiado especializadas ou contrárias à fé e às explicações decorrentes da doutrina religiosa. Da mesma forma se explica o modo como compôs inúmeros artigos relativos a factos e referentes não contemplados em Furetière, seleccionando de fontes do património textual português as “notícias” que julgava serem adequadas a um dicionário universal.

As características deste discurso enciclopédico faziam do *Vocabulario* um texto original no panorama editorial, ímpar no que respeita à abundância, variedade temática, referência de autoridades, clareza quase didáctica e organização indexada, isto para além do facto de reproduzir dados muito actuais, inacessíveis em língua portuguesa e ignorados até nos tratados latinos de aceitação mais comum nos colégios nacionais. Por outro lado, a informação enciclopédica é um dos elementos que conferem ao *Vocabulario* um estatuto lectural transdicionarístico. Será necessário esperar pela consolidação das fronteiras tipológicas entre dicionários universais, dicionários de língua e dicionários geográfico-históricos, bem como pela difusão de tais obras em Portugal, para que o público português se aperceba dos defeitos estruturais do *Vocabulario*, nomeadamente um

discurso enciclopédico difuso, complexo e formalmente pouco eficaz. Em França, os materiais coligidos por Moreri e Furetière foram sucessivamente reeditados com maior rigor crítico, reformulando imperfeições estruturais e discursivas, o que prolongou a sua boa recepção até perto do fim do século. A obra de Bluteau, que permaneceu intocada tal como o autor a deixou, encontrava-se em meados do século XVIII mais envelhecida do que aquelas que lhe tinham servido de exemplo.

Referências

BLUTEAU, Rafael, 1712-1728. *Vocabulario portuguez e latino [...]*. Tomos I e II: Coimbra, No Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712; tomos III e IV: Coimbra, No Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1713; tomo V: Lisboa, Officina de Pascoal da Sylva, 1716; tomos VI e VII: Lisboa, Officina de Pascoal da Sylva, 1720; tomo VIII: Lisboa, Officina de Pascoal da Sylva, 1721; suplemento I: Lisboa, Officina de Joseph Antonio da Sylva, 1727; suplemento II: Lisboa, Na Patriarcal Officina da Musica, 1728.

CRUZ, António da, 1661. *Recopilaçam de Cirurgia [...]*. Lisboa, Henrique Valente de Oliveira.

FURETIÈRE, Antoine, 1690. *Dictionaire Universel, Contenant generalement tous les Mots François tant vieux que modernes, & les Termes de toutes les Sciences & des Arts [...]*. La Haye & Rotterdam, Arnout & Reinier Leers.

GRISLEY, Gabriel, 1656. *Desenganos para a Medicina, ou Botica, para todo pay de familia*. Lisboa, Henrique Valente.

MORERI, Louis, 1699. *Le grand dictionnaire historique ou le mélange de l'histoire sacrée et profane [...]*. Paris, Jean-Baptiste Coignard. (1ª edição: Lyon, Jean Girin & Barthelemy Riviere, 1674).

RODRIGUES, A. Gonçalves, 1992. *A tradução em Portugal*. Volume I. Lisboa: INCM.

SEMEDO, João Curvo, 1727 (1697), *Polyanthea medicinal. Noticias galenicis, e chymicas, repartidas em tres tratados*. Lisboa, Antonio Pedrozo Galram (edição original: Lisboa, Miguel Deslandes, 1697).